



ID: 31640124

29-08-2010

# “Somos quase uma família”

**Acolhimento.** Histórias de mães que vieram para Lisboa, que vivem na casa Ronald McDonald a fim de acompanhar os filhos doentes e que ali encontraram um segundo lar

ANA MAIA

Uma casa. 164 famílias. 164 histórias. “É a minha segunda casa. Quando o meu filho ficou internado, a primeira semana passei-a toda no hospital. Ficava lá de dia e de noite. Dormia num sofá, fazia a higiene na casa-de-banho dos doentes. Foi a assistente social que me falou da casa e que me trouxe cá”, conta ao DN Clementina Martins, enquanto nos guia pela cozinha da casa Ronald McDonald, em Lisboa.

Fala dos últimos meses com voz serena, transparecendo alguma vergonha motivada pela timidez. Está ali desde o dia 3 de Maio. Espera deixar a casa no final de Setembro. Mas é possível que tenha de voltar. Tudo depende da evolução da leucemia de Renato, de 16 anos. “Agora tem de fazer mais um ciclo de tratamentos, e depois logo vemos como ficam os valores”, acrescenta.

Clementina, 38 anos, não está sozinha. Tem com ela o filho mais velho, de 19 anos, Tiago. “Eles são muito próximos. O mais velho não quis voltar a Portalegre, e o mais novo só perguntava pelo irmão enquanto esteve no hospital.” Para trás ficou uma oportunidade

de emprego, o lugar onde vive, a sete quilómetros de Alegrete, uma freguesia rural do concelho norte-alentejano. “Felizmente, assim podem estar juntos. Aqui é tudo gratuito, senão seria impossível”, diz. Mas há algo mais: pais e mães que choram, riem, desejam que tudo termine em breve, como ela. “Sempre que uma família se vai embora, choro. Fico contente por eles e penso no dia em que seremos nós.”

Os dez quartos divididos por dois dos pisos da casa, que fica a cinco minutos dos hospitais D. Estefânia, Capuchos e Santa Marta, estão quase todos preenchidos. Num deles ainda há uma mãe que dorme, depois de ter passado a noite ao lado da filha, internada na Unidade de Queimados. Não muito longe desse quarto ficam os espaços onde Ana Paula e Rita Sousa ficam.

## Uma nova família

“Somos quase uma família. Quem nos vê, pensa que já éramos amigos. Vamos juntas ao supermercado, passeamos as duas...”, diz Rita. Mas não. Conheceram-se há cerca de três semanas. Têm a mesma

idade – 46 anos –, chegaram no mesmo dia, moram ambas com a família na Madeira. Os filhos das duas sofrem de leucemia, e até os horários das visitas são os mesmos. Por isso, onde está uma está a outra.

“Às 7.00 já não consigo estar na cama. Estava a trabalhar e às 6.20 saía de casa. Ainda estou com essa rotina na cabeça. Aqui arrumo o quarto, venho para baixo e espero pela Rita, a minha grande companheira. Conversamos, vemos um pouco de televisão e sabemos uns dos outros”, relata.

Ana é mais faladora, também a que mais facilmente fica com os olhos cheios de lágrimas. “Emociono-me muito. Não posso falar da Madeira que fico cheia de saudades”, confessa. No arquipélago deixou duas filhas, o marido e o trabalho, para o qual está desejosa de voltar. Só será possível quando o filho, Nicolau (17 anos), estiver bom.

“Esta é uma casa que vai ficar na nossa memória toda a vida”, assegura. Já tratou de dar um toque pessoal ao quarto. “Comprei uma flor para dar alegria. Temos uma

biblioteca lá em baixo e às vezes trago um livro para me ajudar a adormecer.” Na mesa-de-cabeceira, a imagem em papel de S. José. O melhor de tudo para Rita é o facto de estar tão próxima da filha Jessica, de 16 anos, internada nos Capuchos, e ao mesmo tempo distante o suficiente para renovar energias para a apoiar diariamente. “Fazemos comida, tratamos da roupa, distraímo-nos para não estarmos sempre a falar do mesmo. É grande a preocupação com os miúdos”, assume.

Rita não se importa que Ana seja a mais conversadora e esta ganhou hábitos que não tinha. “Esta semana já disse que era para descançar”, atira a mãe de Nicolau. “Temos dado uns passeios por Lisboa, e a Ana não estava habituada”, explica Rita, referindo o passeio que foi quase de uma ponta à outra da cidade.

Clementina também trouxe para a casa hábitos antigos. De todas, é que almoça mais cedo. Ainda o relógio não tinha assinalado as 12.40, já ela estava de volta da comida. “É uma coisinha simples. Uma canja e frango tostado no forno”, conta, enquanto mexe o tacho e fala com o filho. A porta fecha-se e todas regressam à rotina. Como se estivessem nas suas casas.

Mães destacam o facto de poderem estar próximas dos filhos

## NÚMEROS DA CASA

3 DE JUNHO 2008

› **Inauguração** aconteceu cerca de ano e meio depois de ser colocada a primeira pedra da casa Ronald McDonald (Setembro de 2005)

3 DE NOVEMBRO 2008

› **Recebe a primeira família** em Novembro. Quase dois anos depois da inauguração, já passaram por esta casa 164 famílias

1 500 000 EUROS

› **Custo do projecto**, que incluiu dez quartos, uma cozinha, duas salas de estar comuns, sala de refeições, lavandaria e espaços exteriores

200 000 EUROS

› **O custo de manutenção anual** é feito pela organização, que tem a ajuda de vários voluntários e de empresas que apadrinham esta casa

20 000 EUROS

› **É quanto custa** um quarto por ano, valor que em parte é suportado por doações de “padrinhos”

## EXPANSÃO

### Nova casa projectada para a cidade do Porto

› Depois da casa de Lisboa, a Fundação Ronald McDonald espera lançar a primeira pedra da casa do Porto em Novembro deste ano. A construção da casa está orçada em 800 mil euros. Praticamente metade do que custou o espaço lisboeta, que recebeu as primeiras famílias a 3 de Novembro de 2008.

“A casa vai ser construída em terrenos do São João, e gostava muito que a obra ficasse concluída no final de 2011, quando a nova ala pediátrica estiver pronta. Este protocolo prevê receber também famílias do IPO e do hospital de Santo António”, explica Sá Nogueira, um dos responsáveis pela fundação em Portugal. “É uma casa longe de casa. Temos famílias que ficaram connosco um ano. E elas nunca ficam sozinhas”, acrescenta. Ana Patacho é uma das gestoras do espaço que já abriu portas. Em dois anos, as memórias são muitas. Mais boas que más. “Tivemos aqui um menino de sete meses, queimado, que foi na casa que aprendeu a sentar-se, a gatinhar e a andar. Ainda hoje a mãe nos liga a dizer como ele está”, conta Ana Patacho, dando um exemplo do êxito que é casa.



› Espaço lisboeta custou cerca de 1,5 milhões de euros e recebeu as primeiras famílias a 3 de Novembro de 2008 1. Os dez quartos divididos por dois dos pisos da casa, que fica a cinco minutos dos hospitais Dona Estefânia, Capuchos e Santa Marta. 2. Ana Patacho é uma das gestoras do espaço, que já abriu portas. 3. Clementina Martins, Ana Paula e Rita Sousa conhecem-se há poucas semanas mas já partilham grande cumplicidade 4. Clementina, de 38 anos, não está sozinha. Tem também com ela o filho mais velho, de 19 anos, Tiago. 5. Ana é mais faladora, também a que mais facilmente fica com os olhos cheios de lágrimas. 6. O filho de Rita sofre de leucemia

